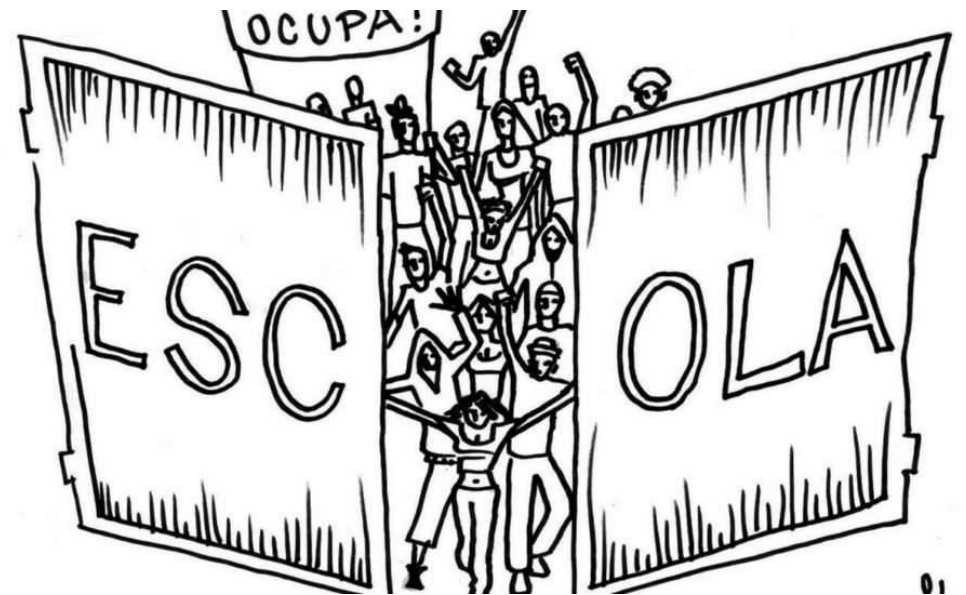


OCUPA TUDO

OCUPAR!
RESISTIR!
DEMANDAR O IMPOSSÍVEL!



QUESTIONE TUDO
[fb.com\questionetudo0000/](https://fb.com/questionetudo0000/)



daqui de
cima vejo
melhor.

09/12

motim, ou recusa do dever no exército ou forças navais ou desejar obstruir o serviço de recrutamento e alistamento nos EUA"

A menos que alguém tenha uma teoria da natureza de governos, não seria claro como o Ato de Espionagem seria usado. Ele ainda possuía uma cláusula dizendo: "nada nessa seção deve ser construído para limitar ou restringir... qualquer discussão, comentário ou crítica de atos e políticas do Governo..." Mas esse duplo discurso cancelava o propósito único do projeto. O Ato de Espionagem foi usado para prender americanos que discursavam ou escreviam contra a guerra.

Sobre o projeto de lei da "Escola Sem Partido" observem a curiosa contradição de se usar mecanismos de controle do Estado para "combater" uma suposta doutrinação ideológica... do próprio Estado!

Como se esses novos "censores" fossem ter superpoderes especiais de benevolência e honestidade, que os tornariam imunes a terem eles próprios uma ideologia. Desse modo, a menos que se suponha que a ideologia desses novos censores vá ser "mais correta" ou que eles são mais "morais" que os professores, a única coisa que teríamos seria uma troca da ideologia dos últimos por aquela dos primeiros.

Logo, a "Escola Sem Partido" assume desde o começo a ideia, aliás muito comum em regimes autoritários, de que cabe aqueles no poder, o Estado, "tutelar" aquilo que seus cidadãos aprendem e conhecem, como se estes próprios fossem incapazes de descobrir a verdade por si mesmos. Não surpreenda que seja tão bem recebido por certos jornais corporativos cujos donos fazem fortuna no papel de moldarem a opinião pública para atender o interesse das elites. De fato, imaginem a fúria e indignação se algum membro do PT ou PSOL (o PT! PT! COMUNISTAS!, vociferações de ódio intraduzíveis) propusesse um projeto de lei de "Jornalismo Sem Partido" visando "combater a doutrinação ideológica da mídia" escolhendo ideologias a seu próprio gosto.

Por Uma Escola Autogerida

Numa escola autogerida os alunos descobrem que possuem o poder, coletivamente, de transformar tudo que está a sua volta e, a partir disso, mudar o mundo. Descobrem que, ao invés de perambularem pelos corredores, como máquinas, presos a ordens ditadas por seus professores, conteúdo didático arbitrário, provas, existe um eu dentro deles, capaz de tomar decisões, de formular suas próprias ideias. Descobrem que podem se relacionar uns com os outros não apenas mandando ou obedecendo, mas cooperando, adquirindo solidariedade e estabelecendo objetivos comuns. Percebem que não precisam mais viver com temor de ser "repreendidos" pela "sociedade" por não fazerem "sua parte". Que tais crenças são uma estratégia para mantê-los enfraquecidos e intimidados, e assim sustentar a sociedade que os escraviza. Que possuem controle sobre si mesmos. Como que num ato de despertar, veem o espaço que os cerca como algo que faz parte deles mesmos e, assim, no lugar de tentar destruí-lo, sentem um verdadeiro amor por ele, pois ele não é mais uma jaula usada para encarcerá-lo, mas um ambiente onde sua consciência se eleva, onde seus valores, morais e artísticos, podem florescer.

SUMÁRIO

1. Ocupar pode nos libertar
2. De Uma Educação Que Enclausura Para Uma Educação Que Liberte
3. Educação Libertária e Pensamento Crítico
4. A ESCOLA VIVA
5. Ocupações nas escolas, fascismo, e a busca por uma comunidade livre
6. Uma filosofia medíocre e autoritária

intenções ou se mostrarem muito mais incompetentes que os jovens? A concepção do deputado com sua proposta de "escola sem partido" é outro aspecto curioso: no lugar de considerar que todo indivíduo deve proteger a si mesmo e desenvolver um raciocínio crítico, ele tem uma visão incrivelmente estatista, onde é o Estado que aparece como um super-herói que vem salvar os alunos da dita "doutrinação". Ora, que garantia há que o Estado não usaria esses recursos para propósitos ainda mais escusos do que a destes professores, sendo este dotado de ainda mais poderes? É claramente uma solução vertical, onde no lugar de se aumentar as liberdades dos alunos (permitindo, por exemplo, que ele escolhesse livremente os autores que deseja ler, e não se sujeitar a avaliação de professores) ele APROFUNDA os mecanismos de controle, e conseqüentemente, de doutrinação que diz combater, sujeitando e centralizando nas mãos do Estado cada vez mais aquilo que o aluno pode fazer. No lugar de criar possibilidades dos alunos desenvolverem ideias, ele quer simplesmente legislar em nome deles, estabelecendo Censura de acordo com seus critérios, diminuindo ainda mais as opções que o aluno tem. Não há melhor receita para proteger os alunos de suposta "doutrinação" do que a forma atual das escolas ocupadas, visto que nelas os alunos decidem em assembleias se querem a participação de grupos vinculados a partidos ou não, e podem escolher ainda, individualmente, entre participar do programa destes caso haja aceitação. Nas escolas ocupadas, a atividade cultural e educacional é colocada diretamente nas mãos dos alunos, no lugar de "pertencer" ao professor e a órgãos burocráticos. Não passa na cabeça dele, é claro, considerar se o aluno ser sujeito a um currículo obrigatório e o ensino ser compulsório não é em si uma forma muito mais grave de "doutrinação". Ou que sentido há em se falar de liberdade acadêmica da parte do aluno se, para sobreviver, ele deve adaptar tais conhecimentos a formas que o ajustem a relações coercitivas da sociedade em que vive que o debilitam claramente (vide a propriedade privada), e não aquilo que surgem de suas próprias inclinações. Enfim, o que o deputado diz fede a leninismo, o que faz todo sentido, já que a sua agenda visa a concentração do poder (nas mãos de capitalistas e corporações) da mesma forma que Lenin o queria nas mãos de burocratas e do estado.

Os trechos abaixo, do livro "Uma História do Povo Americano", de Howard Zinn, são excelentes para ilustrar o papel nocivo que projetos como a "Escola Sem Partido" desempenham para a democracia e a liberdade de pensamento:

O Congresso aprovou, e Wilson assinou, em Junho de 1917, o Ato de Espionagem. A partir desse título alguém poderia supor que se trata de uma lei contra espionar. Entretanto, ele possuía uma cláusula que previa penalidades de 20 anos para "Quem quer, quando os Estados Unidos estão em guerra, tente causar ou tentar provocar insubordinação, deslealdade,

que se definem enquanto tal como "militantes ativos" a procura de um proletário para salvar. É claro que a "salvação" que prometem, a sociedade utópica anarquista do futuro, o fim da miséria, representa apenas mais uma fraude tão grande quanto a "felicidade" prometida pelos carros e pelas "viagens ao exterior", já que o preço que pagam para esses fins abstratos é a abdicação da experiência de conhecerem a si mesmos, recuperando assim sua humanidade, e e explorarem livremente o ambiente que os cerca. No presente, exigem de seus militantes uma boa dose de "trabalho de base" e "conscientização". Em suma, fazem da própria teoria revolucionária, "anarquista", seu totem, objeto de adoração, fetiche. Que repugnante! "Preocupados" com o estado das próprias celas! Em suma, é preciso criar a coragem para romper as algemas e grilhões que estamos sujeitos e enfrentar a responsabilidade por nós mesmos. Enquanto exigimos que "o Estado cumpra seus deveres", tudo que fazemos, na verdade, é colocar nossas próprias vidas foras. É pelo desenvolvimento de nossas capacidades criativas, pela busca de novas formas de compreender o mundo a nossa volta, que nos libertaremos.

Uma filosofia medíocre e autoritária

Texto com comentários sobre as ações de determinado deputado estadual de direita

É muito curioso ver o deputado chamar de "invasão de prédios públicos" justamente o uso das escolas de acordo com os interesses daquele que nela estão, da forma mais democrática e aberta possível (todos alunos e membros da comunidade podem participar) como se fosse melhor os alunos serem "representados" e terem sua voz posta na boca de deputados repugnantes, no lugar de falarem por si mesmos. Na visão dele, aparentemente, as decisões burocráticas, sem nenhuma consulta ou debate entre a população, impostas pelo governo, seguindo interesses corporativos claros, é que representam o uso do espaço público para "servir a população". Ainda mais incrível é o modo como trata os jovens (e não "crianças", como ele insiste chamar, visto que a esmagadora maioria tem pelo menos 16 anos), como se fosse uma massa de ovelhas incapazes de pensamento crítico e ideias próprias, quando de fato os alunos tem plena opção de escolher entre aceitarem os programas políticos do CPERS, PSOL, entre outros (e muitos de fato se opõem) ou não. Se não for dada autonomia aos estudantes de escolher que conjunto de ideias seguir, como desenvolverão a capacidade de tomar escolhas e formar juízo por si próprios? Vão ter que levar o papai e o titio deputado em todo lugar para decidir o que devem aceitar ou não? E que garantia há que dando esses poderes ao "papai" e ao "titio" estes não vão eles próprios agir com más

OCUPAR PODE NOS LIBERTAR

Quando atribuímos aquilo que temos de essencial, como moradia, alimentos, abrigo, e roupas, ao Capitalismo e ao Estado estamos sendo vítimas de uma ilusão: tais entidades sequestram o poder criativo da humanidade, seja como indivíduo ou comunidade, e passam a comandá-la por si mesmas, como uma forma de se perpetuarem e expandirem. Assim, quando dizemos que o dinheiro é capaz de "garantir" um carro ou "comprar" uma roupa, ele só o faz no mesmo sentido que uma medalha num peito me torna capaz de "enviar para a guerra" soldados, ou uma coroa na minha cabeça "mandar em meus súditos". Como símbolos para o poder, ou seja, a possibilidade de controlar a atividade humana, o dinheiro e o posições (corporativas ou estatais) são imensamente cobiçados. No entanto, para que eles CONSERVEM esse poder ilusório, é preciso que a atividade humana seja aplicada para sustentar a própria Imagem que eles possuem. Ou seja, que a "soberania" deles seja mantida. Assim, pode se dizer que a humanidade veem existindo, há milhares de anos, construindo símbolos, que então passam a controlá-las e perpetuarem a si mesmos.

Quando alguém se torna inútil nesse processo, ou seja, ele não acrescente "valor" ao dinheiro, ele pode ser despejado, ele é tratado como um dejetivo inútil, igual resíduos industriais atirados num rio. Ele é deixado morrer, e até hoje centenas de milhões de pessoas morrem de fome. A escassez que enfrentamos, as limitações do nosso dia a dia, não são limitações, de modo algum, "naturais". Elas tem uma causa específica muito simples: o dinheiro e o Estado, remodelam todo o espaço e o constroem de maneira a se tornarem indispensáveis. Assim, quando dizemos que "é impossível usar essa máquina sem um chefe" ou que "é impossível viver sem dinheiro" isso não surge por limitações tecnológicas: surge porque esses meios foram adaptados para terem essa restrição.

Onde reinam, portanto, o Estado e o dinheiro, não temos comunidades vivas. As pessoas não podem se apropriar livremente dos recursos disponíveis para atingir seus fins e elevarem a si mesmos: toda atividade é convertida numa forma de dar poder a tais símbolos. Somos, sem nos darmos contas, resumidos a engrenagens que geram engrenagens que nos perpetuam enquanto engrenagens. Por ser o controle arbitrário da atividade humana, o Estado e o Dinheiro não possuem limites para sua expansão: não possuem recursos para prever o desastre que se encontra logo a frente da humanidade, na forma do aquecimento global, pois está preso na atividade cega de perpetuar a si próprio, como um câncer se multiplicando até matar seu hospedeiro.

Quando no entanto, coletivamente, deixamos de nos orientarmos pelas ordens que nos são impostas, como condição indispensável para obtermos os recursos que nos obtêm vivos, quando agimos espontaneamente, como seres humanos, buscando a liberdade e alterando nosso meio de acordo com nossas inclinações, a máquina que suga a atividade deles, o poder de tais monstros se esfacelam. E um universo de possibilidades, a ser decidida por indivíduos livres, cooperando entre si, surge.

De Uma Educação Que Enclausura Para Uma Educação Que Liberte

No modelo de ensino atual, os alunos não tem uma participação ativa, consciente, a respeito dos conteúdos que estão estudando. Não podem direcionar tais conhecimentos para problemas práticos do seu dia a dia. O poder de definir por si próprio o conhecimento que é relevante é roubado do aluno e transferido para o Estado, que então impõe aos professores um currículo específico. Assim, longe da educação ser um meio de fornecer aos alunos as ferramentas que precisam para transformar o mundo, ela de fato se torna um obstáculo para este tentar compreendê-lo. Isso porque os conhecimentos que são fornecidos partem do aluno como mero objeto, uma "peça" que o professor precisa "moldar" para que adquira certos conhecimentos em particular, exatamente como um operário numa fábrica. Ou seja, o currículo, o sistema de provas, acabam se tornando verdadeiros muros que delimitam o espaço do aluno, a oportunidade deste de ver além, de se perguntar e investigar o que está além daquele conhecimento, de criar algo novo, que parte dele próprio e dos demais alunos. Desse modo, uma maneira bem acurada de interpretar a posição do aluno de uma sala de aula é alguém condenado, sem escolha, visto ser o currículo obrigatório, um trabalho forçado, que lhe foi imposto.

Precisamente porque não se espera nenhuma iniciativa do aluno, porque não se espera que ele decida as condições do mundo a sua volta, ele é acostumado a só realizar qualquer atividade após receber ordens estritas para isso. Os 12 anos perdidos dentro de uma escola (salvo talvez os curtos momentos de felicidade no recreio ou de um professor que faz enormes sacrifícios para oferecer algo diferente para os alunos, um espaço para terem voz) visam acostumar o aluno lá dentro a se verem como uma máquina, que só deve agir de acordo com o que lhe é instruído. Toda sua espontaneidade, sua vida interior, sua criatividade e seus potenciais, no lugar de se desenvolverem livremente, ficam assim restritos a forma decidida pelo seu sistema de ensino. Ele não está em melhor situação, assim, que um pássaro impedido de voar, preso a uma gaiola. Assim, já não parte, e nem o aluno pode fazer nada a esse respeito, dele próprio definir o modo como interage com o mundo, pois este foi definido previamente, de forma autoritária, pelo Estado.

malditas do cristianismo, que continuam sendo a base para tornar o capitalismo possível: a de que não posso agir livremente, mas que possuo uma "missão" a cumprir na terra, uma "forma adequada de agir", que me enclausura, e que se eu seguir rigidamente me levará até o Paraíso. Não se veem, dessa forma, médicos, traficantes, assaltantes e capitalistas como personagens sociais, fruto da forma como a própria sociedade é gerida e hierarquizada, mas como figuras eternas imutáveis. Assim, uma hipótese interessante então sobre a ascensão do nazismo seria a dele ter surgido devido o colapso da moeda: na medida em que a atividade das pessoas deixava de ser medida pelo dinheiro, era preciso encontrar um "substituto", que se tornava aderir aos costumes e crenças do partido nazista. Ele próprio, é claro, com toneladas de capitais dos grandes capitalistas da época para torrar. Enquanto os trabalhadores se deixam curvar por essas máscaras sociais, verdadeiras camisas de força que vedam seu movimento, estarão condenados à derrota em qualquer insurreição. Só no momento que percebem que nem o Estado e o Capitalismo são entidades separadas de si mesmos, mas pelo contrário, algo que reproduzem dia após dia pela sua própria atividade, é que terão descoberto a chave que pode libertá-los. Ou seja, precisam reconhecer que é no exato momento que entram no local de trabalho ou numa escola, e aceitam as ordens que lhes são impostas, que estão produzindo as ferramentas que os induzem a derrota, não importa se inutilmente coloquem depois todo seu salário e tempo "livre" nas mais diversas formas de ativismo visando "libertar os trabalhadores". Enquanto caminhos institucionais, legais, são tentados, seus "direitos" só serão conseguidos na medida em que são compatíveis com o próprio estado de sujeição que se encontram. O espírito do fascismo, a ideia de que as pessoas estão presas a um "destino" que não escolheram, mas que são forçadas a seguir, destruirá todo potencial libertário das ocupações enquanto não for superado de dentro. Não importa que o Estado possa tremer horrorizado frente as ocupações: mesmo sua queda só poderá levar ao nascimento de uma nova forma de opressão enquanto as pessoas não buscarem a transformação livre, espontânea, do meio que vivem. Enquanto continuarem sacrificando suas vidas por "fins" que julgam "mais elevados" ou "mais urgentes" que a própria liberdade. Enquanto se identificarem na imagem do "aluno aplicado" e do "filho obediente" e do "cidadão respeitador da lei e da ordem" e do "ativista socialmente engajado preocupado com o futuro da educação" a oportunidade do surgimento de uma comunidade libertária estará morta. É como se tivessem que "exibir" para alguém (alguma divindade, talvez?) o quanto são "virtuosos", "puros" e dispostos ao "sacrifício", a semelhança dos ascetas que jejuam e se penduram em árvores. E é claro, o militante que "mais se esforça", mais sofre, exige para si próprio, com toda "justiça", o posto mais alto na hierarquia. Até que se chega ao ponto em que tudo se resume a aparências, símbolos: o importante é "parecer" radical, revolucionário, assim como a Igreja Católica valoriza "parecer" "humilde" e "puro" frente aos símbolos disso na hierarquia recém criada. Vemos isso de forma escancarada entre muitos "anarquistas", por exemplo,

permanecem "em alta" apesar dos fantásticos avanços tecnológicos que tivemos nos últimos dois séculos. Talvez porque nosso problema não seja a "natureza humana" ou "recursos escassos", mas a negação de transformar livremente o meio que vivemos

Ocupações nas escolas, fascismo, e a busca por uma comunidade livre

No capitalismo assumimos que nossa própria relação com o ambiente pode ser convertida em mercadoria e a forma que ela assume decidida por aquele que a "compra", assim como minha interação com partes inteiras do mundo podem ser alienadas em nome da "propriedade privada", de forma que para obter o acesso a ela, e assim obter um salário que me permita viver, preciso "trocar" minha autonomia, ou seja, preciso "trabalhar". Colocando em termos mais sucintos, que "liberdades individuais" curiosas essas do mundo capitalista, em que as pessoas se veem na condição de lambe as botas daqueles que possuem dinheiro como único meio de sobreviver. O fascismo (do nazismo ao bolchevismo e a "vanguarda revolucionária") está bem ao lado do capitalismo. De fato podemos chamar ambos de "irmãos": no caso deles, no lugar de minha identidade e o modo como mudo o mundo a minha volta ser alienado e deixado nas mãos do capital, ela é colocada diretamente nas mãos da "sociedade". Em outras palavras, são elas que se reservam no direito de decidir se é "aceitável" eu possuir traços árabes, quem eu deva beijar ou se posso ou não me vestir de vermelho. Vemos o fascismo nascer dentro do capitalismo todo instante, por exemplo, no momento em que não sendo presas por coerções econômicas diretas, as pessoas revelam algum esboço de espontaneidade. Um exemplo é quando os alunos ocupam as escolas, sendo prontamente chamados de "vagabundos", "maconheiros" e "desocupados" por isso. Nenhum desses xingamentos tem qualquer relação com o modo como os alunos agem: eles surgem porque estes se distanciaram das "formas ideais", ou seja, porque romperam os "papéis sociais" que, sem nunca terem participado, lhes foram impostos. Ou como os pais e professores costumam dizer as crianças quando furiosos: "Onde já se viu fazer uma coisa dessas"? Para o fascista, é como se escapasse um exame das consequências imediatas das ações que condena. Carregar uma bandeira vermelha ou anarquista, dessa forma, é uma "agressão", um "gesto gravíssimo de ofensa", não a seres reais, de carne e osso, mas a entidades metafísicas presentes na sua mente (a Bandeira, o Exército, a Ordem, a Civilização, a Decência, o Mercado) que ele toma por realidade absoluta. As culturas, etnias, modos de vida que ele condena são temidas e atacadas de um modo parecido com que se exterminam insetos ou aranhas. Assume-se previamente uma "bondade" transcendente a si mesmo, como se fosse perfeito, e, simultaneamente, uma "maldade" absoluta e metafísica ao indivíduo que persegue. Mais heranças

Alguns alunos frequentam colégios caros ((Anchieta, Marista, Leonardo da Vinci) que os transformam em peças com "alto valor de mercado": futuros médicos, professores universitários, advogados, engenheiros. Ao mesmo tempo, a esmagadora maioria frequenta escolas estaduais, e estão condenados a servirem na posição de caixas de supermercado, varredores de rua, professores estaduais. Reparem contudo que, em AMBOS os casos, o verdadeiro potencial humano que se encontra nos alunos nunca pôde sequer se desenvolver. Que ambos estão sacrificando seu potencial real, todas as realizações criativas para o qual o ser humano é apto, apenas para a manutenção da sociedade tal como ela é.

Isso nos leva então direto ao cerne da questão: porque a educação não vai na direção contrária, no sentido de valorizar a máxima autonomia possível do aluno para escolher aquilo que deseja, no lugar dele ser tratado como um soldado numa guerra? Dando então, aos alunos, espaços para realizarem atividades conjuntas, se ajudando mutuamente sem qualquer ordem autoritária? É certamente único, e fascinante, ver a emoção dos alunos das escolas ocupadas quando perceberam que já não estavam mais amedrontados com a possibilidade de serem punidos por qualquer mostra de iniciativa, que podiam agir livremente sem ninguém os monitorando continuamente, e descobrindo que o espaço a seu redor é um verdadeiro quadro vivo que podem pintar e dar a forma de acordo como desejam. Esses alunos passam a adquirir gosto pela liberdade, e a respeitarem a si mesmos e aos outros, pois agora seu destino se aponta como algo que eles mesmos podem construir. No lugar de mortificação, penitência, sentem algo quente atravessando seu peito: estão descobrindo uma forma única de felicidade.

Se na sociedade atual os alunos não podem ser livres escolhendo que aulas querem e o que fazem na escola, se os operários não podem brincar com as máquinas e se transformarem em inventores as aperfeiçoando, se as pessoas não podem obter os alimentos que precisam sobreviver sem custo algum, sem qualquer esforço, fazendo uso da tecnologia avançada existente, é por um motivo bem específico, que nada tem de imutável e irreversível: é porque todo dia, ao abdicarmos do controle de nossa própria atividade, e realizando atividades de acordo com ordens e no qual não participamos, recriamos as estruturas de poder que nos enclausuram e nos condenam a isso, continuamente. Podemos fazer uma comparação: se uma pessoa acredita que a única direção que pode tomar com seu carro é direto a um penhasco, pois o carro está se movendo sozinho, ela e seu carro irão realmente, num certo ponto, atingir o penhasco e despencar de lá. Se essa pessoa, se você que lê isso, e nós juntos, percebermos no entanto que a direção tomada não é inevitável, que podemos alterá-la, de forma criativa e consciente, nos ajudando, sem aceitar as ordens impostas de ninguém, então teremos retomado nossa liberdade como seres humanos e poderemos criar um mundo novo a nossa volta.

As ocupações mostraram que os alunos possuem a capacidade, e mostram uma inteligência criativa que nem se podia imaginar, em alterar suas escolas para atenderem propósitos humanos e para enriquecerem com significado e beleza suas vidas. Precisamos dar um passo adiante: assim como nos mostramos capazes de resistir as imposições da direção e dos professores, assim como nos dispusemos a enfrentar nossos pais em nome de um valor básico, assim como estamos de cabeça erguida dispostos a enfrentar a truculência do Estado, precisamos agora levar as ocupações para ALÉM das escolas, para todos os lugares. Transformar assim, a atividade humana, em algo a ser realizado de forma livre, com pessoas em condições de igualdade, sem ninguém ter o poder de mandar e ninguém ser forçado a obedecer. Os recursos a nossa volta, então, no lugar de serem moldados por nós para transformarem em muros, cassetetes e câmeras de vigilância que nos oprimem e destroem nossa liberdade, se tornam uma parte de nós, nossos aliados. As pessoas a nossa volta, que hoje só se relacionam conosco seguindo formalidades burocráticas ditadas pelos seus chefes, vão poder comunicar para nós aquilo que está dentro delas, e vice versa, e juntos vamos cooperar para criar algo novo. Como a finalidade de nossa atividade conjunta vai ser atender a liberdade do ser humano, vai ser espontânea e autônoma, no lugar de criar símbolos que adquirem controle sobre essa atividade e a tiranizam (o dinheiro e a propriedade privada) , teremos um mundo construído para nos atender. Não veremos pessoas atiradas nas ruas porque perderam seus empregos, por terem se tornadas "desnecessárias". Elas terão direito de mudar seu meio como todas as outras, e serão recebidas de braços abertos com tal fim, pois não estaremos mais amedrontados com o "mercado" e com a competição, visto que o mundo pertencerá a todos nós, cabendo a nós tratá-lo com o mesmo carinho que temos por nosso lar. Como não estaremos presos a hierarquias artificiais, nos veremos em condição de igualdade, e assim nos perceberemos como irmãos. Esse mundo sombrio de escassez, miséria, punição e servidão, terá se tornado, então, apenas um terrível pesadelo prestes a acabar.

Educação Libertária e Pensamento Crítico

Num recente cartaz do "Levante Popular da Juventude" lemos que eles desejam uma "educação que estimule o pensamento crítico". A ideia soa atraente, mas leva a mais dúvidas que soluções. Primeiramente, como poderíamos esperar que o Estado, exceto se seu próprio poder fosse anulado, fornecesse ele mesmo as ferramentas que minam o exercício de seu poder? Seria pelo menos tão absurdo quanto pedir um "tirano menos tirânico". Logo, não faz sentido "revindicar" uma educação com pensamento crítico, se não construí-la, usando para isso as ocupações.

prioritário. Tarefas essas que, com a internet e com a existência de linguagens de programação, poderia ser basicamente toda ela automatizada. De fato, poderíamos até dar um passo adiante, e com a colaboração de alunos dos cursos de computação e matemática, desenvolvermos jogos, a semelhança do SimCity, que tornariam o aprendizado das diferentes variáveis e dados, ela própria uma experiência lúdica e criativa. (trabalhos nesse sentido foram feitos, com resultados muito encorajadores, pelo pedagogo e matemático Seymour Papert, na forma do Projeto Logo).

Não que possamos estar certos de que isso fosse funcionar. Muito pelo contrário, diversos obstáculos e objeções poderiam surgir, assim como opções bem melhores, mas o fato é que essas opções, essas portas abertas que dariam espaço aos alunos se envolverem em atividades significativas, e que contribuiriam para a sociedade, são completamente trancadas num modelo de educação que lhes cerceia desde o princípio qualquer espontaneidade. Que exige, tal como em fábricas ou em exércitos, que os alunos só tomem iniciativas após o recebimento de ordens superiores, que sua atividade e o espaço que se encontram, e até eles mesmos, só existam subordinados a tais instituições, que atuam assim sequestrando sua liberdade e os resumindo a máquinas.

O que teríamos assim seria uma "Escola Viva". "Viva" porque nela esse instinto inato que todos temos como seres humanos, que nos faz nos sentirmos vivos, que é de dar um significado próprio ao ambiente que vivemos e transformá-lo, seria encorajado, no lugar de reprimido e massacrado. Viva porque os próprios alunos decidiriam de forma descentralizada e participativa seus objetivos, no lugar desses serem jogados de cima para baixo. Viva porque ela seria percebida como uma ferramenta para transformar o mundo, não um lugar de absorver a força conteúdos que nos restringem a engrenagens.

Talvez, então, devêssemos nos perguntar se não haveria algo profundamente errado num sistema político-econômico onde se espera, seja como trabalhador, consumidor ou cidadão, a mais completa apatia, a condição de mera máquina. E talvez o que precisássemos seja então de alunos, trabalhadores, "insolentes", que veem o direito de transformar o meio que se encontra, sem quaisquer amarras artificiais que lhes são impostas, como a liberdade mais fundamental que qualquer ser humano deva ter.

Nem é preciso dizer que, uma vez que o ser humano no lugar de agir de forma espontânea passa a aceitar as ordens, seu juízo ético é suspenso, o reduzindo ao "sujeito automático" (Karl Marx, Robert Kurz), cuja finalidade é acumular dinheiro, e assim abrindo o caminho para as piores atrocidades, como as guerras, desalojamentos forçados, fome e miséria que, de uma forma curiosa,

remove a oportunidade de aprendizado que vem justamente dos alunos, ou seja, aqueles que mais conhecem a si próprios e seus interesses.

O aluno é tratado como uma máquina, como um escravo, como um proletário, cujas atividades são aquelas que lhe determinaram previamente, e não aquelas que deseja pela sua própria inclinação. Ao buscar o conhecimento o faz não pelo amor de adquiri-lo, mas pelo medo: medo das represálias de seus pais, do julgamento da "sociedade" e, sobretudo, medo de não ser "aceito" pelo mercado de trabalho.

Esqueçamos todo aquele papo boçal da esquerda de que a "educação ensina a pensar". Na medida em que tira do aluno o espaço de pensar por si próprio, que coloca esse papel nas mãos do professor, pouco importando se ele se diz anarquista ou maoísta ou nazi-fascista, o aluno estará desde cedo a ideia de acatar ordens sem refletir nas consequências delas, a educação se torna em pouco mais do que uma televisão. De fato, o que a educação faz é remover, a força, as crianças do contato com seu meio, os trancafiando a força em ambientes artificiais onde são disciplinados adquirindo os hábitos mentais, e a disciplina indispensável para que se adequem a forma atual da sociedade. Algo que, como autores como Howard Zinn (Uma História do do Povo Americano) ou Jan Matthews (Toward Destruction of Schooling) apontam, foi planejado de forma consciente desde seus primórdios.

Temos no caso da educação uma mistura indigesta de monopólio e monopsonia: Ora, todos sabemos como ficaria, por exemplo, a qualidade de roupas e alimentos se só houvesse um único fornecedor oficial para eles (monopólio). Ou como ficaria, por exemplo, as condições de trabalho se só uma única empresa se dispusesse a comprá-la (monopsonia). Por um lado, devido aos certificados emitidos pelo governo, ele é o único espaço que dispõe a educação que "consumimos, por outro lado é o único modo de sermos "capacitados" para existirmos socialmente passa pela sujeição a esse modelo autoritário de educação.

Consideremos o caso particular da aula de Contabilidade Social (mas que se aplica perfeitamente a outras cadeiras). Não vejo motivo nenhum pelo qual tais cálculos como do P.I.B e do balanço de pagamentos devam ser monopólio de economistas, confinados dentro de um escritório do IBGE, tomando café após café para que não desmaiem de tédio, em busca de um salário que os mantenha vivos. Poderíamos perfeitamente ter um modelo colaborativo de pessoas espalhadas, desde amadores a economistas, que em conjunto coletariam os dados e efetuariam os cálculos, os divulgando abertamente num site de modo que qualquer um pudesse verificá-los a apontar erros, a exemplo da Wikipedia ou do Linux, com direito a premiações, seja de títulos simbólicos como em jogos ou em dinheiro, para aqueles que tivessem um papel

Ao mesmo tempo, não faz sentido a ideia de "estimular" o pensamento crítico. Em uma educação libertária, que baseada desde o princípio na autonomia, no seu direito de seguir suas próprias aspirações, ela é perfeitamente capaz de brotar espontânea, já que seria percebido como algo natural a ideia de que aquilo que aprendemos deve de alguma forma atender nossas aspirações. Em suma, servir como ferramentas tanto de deleite como também para transformar o meio ao nosso redor.

Exatamente o inverso do que temos agora, em que se espera que o aluno aceite de forma apática e indiferente o conteúdo que lhes dita, tornando sua ida ao colégio uma verdadeira mortificação de sua individualidade, no lugar de alimentá-la.

No modelo de educação atual, "estimular o pensamento crítico" só poderia existir na forma de um simulacro, onde por "pensamento crítico" teríamos só aqueles temas autorizados previamente pelo professor, ele próprio preso a amarrar institucionais. Ou seja, é como dar a liberdade dos alunos de questionar o poder, mas apenas na medida em que isso atende ao gosto deste. Para que o pensamento crítico surja, o primeiro passo é assumir que os seres humanos em geral, inclusive crianças bem pequenas, assim que começam a dominar a fala, já são capazes de tirar conclusões próprias e verificar os fatos. Nada mais ridículo, portanto, que esperar que os alunos se limitem a, no lugar de buscar o conhecimento eles mesmos, se restrinjam aquele que foi pré-definido, e imposto, numa versão mastigada pelos seus professores.

Pelo contrário, assim como possuímos gostos estéticos, seja na música ou no desenho em geral, muito distintos uns dos outros, também o quanto um conhecimento é atrativo e deve ser estudado precisa ser decidido pelo aluno. Sob hipótese alguma, a menos que vejamos seres humanos como simples máquinas a receberem instruções, devemos sequer admitir que o modo como o aluno escolhe o que estuda, ou como dirige sua vida, não cabe a ele próprio.

Foi a privação do aluno de construir a educação de uma forma que atenda suas próprias medidas, ou seja, o aluno como arquiteto de seu próprio aprendizado, foi o caráter autoritário em que a "educação" e os livros foram foi atirados na cara dos alunos, e não alguma "aversão natural do ser humano ao conhecimento", que faz com que odeiem a escola e aspirem fugir dela assim que podem.

De fato, é absurdo exigir escolas com "pensamento crítico", já que o primeiro que surgiria dos alunos seria um bem simples: porque nossa humanidade é negada e somos tratados como incapazes de tomar decisões por nós mesmos? Enfiados em cubículos apertados, e presos em mesas escolares com os olhos fixos num quadro negro, quando poderíamos explorar o mundo lá fora? Por

que não podemos ser livres? E logo descobririam a resposta: porque a própria essência do capitalismo é baseado numa divisão arbitrária do trabalho entre os que mandam e obedecem, entre os "donos" da propriedade que ditam como modificá-la e aqueles que devem moldar a si próprios em função disso, e na atividade inconsciente perpétua visando gerar capital que reproduza esse processo, o Trabalho. Tudo imposto a força, sob a ameaça da polícia e dos exércitos, em nome da Lei e da Civilização. Mas assim como a união entre alunos permite que apesar disso ocupem as escolas, quando se um isoladamente se rebelasse seria perseguido pelos professores e seus pais, também os trabalhadores, em conjunto, ao adquirirem solidariedade entre si e perceberem seus interesses comuns, podem se rebelar e transformar toda sociedade.

A ESCOLA VIVA

"Quem coloca a mão em mim para me governar é um usurpador e tirano, e eu o declaro meu inimigo"

- Proudhon, A Propriedade É Um Roubo

"Grande parte das máquinas utilizadas nas manufaturas em que o trabalho está mais subdividido constituiu originalmente invenções de operários comuns, os quais, com naturalidade, se preocuparam em concentrar sua atenção na procura de métodos para executar sua função com maior facilidade e rapidez, estando cada um deles empregado em alguma operação muito simples. Quem quer que esteja habituado a visitar tais manufaturas deve ter visto muitas vezes máquinas excelentes que eram invenção desses operários, a fim de facilitar e apressar a sua própria tarefa no trabalho. Nas primeiras bombas de incêndio um rapaz estava constantemente entretido em abrir e fechar alternadamente a comunicação existente entre a caldeira e o cilindro, conforme o pistão subia ou descia. Um desses rapazes, que gostava de brincar com seus companheiros, observou que, puxando com um barbante a partir da alavanca da válvula que abria essa comunicação com um outro componente da máquina, a válvula poderia abrir e fechar sem ajuda dele, deixando-o livre para divertir-se com seus colegas. Assim, um dos maiores aperfeiçoamentos introduzidos nessa máquina, desde que ela foi inventada, foi descoberto por um rapaz que queria poupar-se no próprio trabalho."

- Adam Smith, A Riqueza das Nações

O modelo de educação atual, seja universitário ou aquele existente nas séries iniciais, prende o aluno a uma série de tarefas sequenciais que lhes são atribuídas, como copiar manualmente o conteúdo em um quadro para o caderno, "resolver" exercícios contidos em um livro ou escutar o que o professor diz. São funções que, como se pode notar, negam ao aluno a oportunidade de perceber novas relações entre diferentes objetos de forma

criativa. Pelo contrário, se diz que o aluno "aprendeu" o conteúdo a medida que, numa prova, consegue reproduzir com a máxima de precisão possível aquele conteúdo previamente ditado em voz alta pelos professores. É um processo que nega a individualidade do aluno, no sentido de que ele possui gostos e interesses particulares, assim como habilidades e limitações próprias. Diferente do que ocorreria se fosse dada ao aluno a possibilidade dele mesmo, livremente, procurar conhecimentos que respondem a perguntas que lhes parecem significativas. Em outras palavras, o aluno enquanto cientista, como desbravador do desconhecido, que, com a ajuda do professor, mas de forma autônoma, investiga e percorre os passos necessários para chegar a novas conclusões e para o qual a descoberta de novos caminhos, e não percorrer os antigos, é a meta almejada. (vide, nesse sentido, os trabalhos dos pedagogos Carl Rogers e Ivan Illich)

Essa nova ênfase mudaria até mesmo o modo como as relações entre os alunos se efetua, já que passariam a ver seus diferentes conhecimentos como complementares. Ou seja, perceberiam no outro, ao saber que este teve autonomia sobre o que aprende, como tendo o potencial de mostrar outro ponto de vista sobre o assunto. E como a meta das duas partes seria, desde o começo, entender um certo fenômeno, laços de solidariedade para com esse fim se formariam. Algo completamente diferente do tipo de debate esperado quando as duas partes aprenderam a mesma coisa, caso em que no máximo só poderão se repetir, situação em que o "debate" se limita a um exibicionismo, um para o outro, de qual é "melhor" em ter memorizado os conteúdos "ensinados".

Ainda mais grave, a própria estrutura de ensino baseado em provas tira o foco do aluno do fundamental, que deveria ser formular novas perguntas, ter outras ideias, exercendo um papel ativo e criador. Expurga, de fato, essa inclinação natural que vemos com toda força em crianças pequenas mas que passam a desaparecer a medida que chegamos a idade adulta. Faz com que ele passa a enxergar como "verdadeiro" simplesmente aquilo que o professor marca como a "resposta certa" numa prova, no lugar de ser aquela que ele mesmo, ao verificar empiricamente, descreve melhor os eventos que o cerca. Nesse sentido, no sistema educacional atual, o aluno é tratado mais como um operário que manobra uma técnica, cujo conteúdo final ignora, do que de um artesão que, de forma consciente, aprimora e remodela uma peça ao alcance de suas mãos.

O fracasso no sistema educacional já nasce do fato de remover toda participação do aluno, toda iniciativa e criação individual, atribuindo o controle do modo como interage com seu meio a uma autoridade superior, a do professor e acima deste o Estado e o próprio "mercado". Assim, a educação